

Gestores de escola e educação a distância: as consequências da cultura 24/7 e o ethos da autovalorização¹

Elisangela Rodrigues da COSTA²

Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP)

Resumo

Neste texto discutiremos as perspectivas da cultura “24/7”, expressão popular em inglês para dizer “sempre ligado”, funcionando ou trabalhando, vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, apresentada pelo americano Jonathan Crary em “24/7 – Capitalismo Tardio e os Fins do Sono”. O fato é evidenciado, por exemplo, na procura por atualizações e aperfeiçoamentos na modalidade de ensino a distância (EaD). Neste íterim, propomos a investigar como gestores de escolas públicas, considerando a questão temporal, especificamente, neste caso, diretores de unidade escolar, da rede municipal de Educação de Barueri, grande São Paulo, com muitas atribuições e responsabilidades, carga horária de trabalho de 8 horas por dia, se submetem a um processo seletivo e acrescentam à agenda de vida um curso de especialização em gestão escolar (400 horas) na referida modalidade.

Palavras-chave: educação a distância; aceleração temporal; discurso neoliberal; ethos da autovalorização.

Introdução: um panorama geral

Jonathan Crary (2014) evoca os processos contemporâneos do sistema capitalista caracterizado pelos excessos sejam de informações, dispositivos, atividades, produção, consumo, comunicação, jogos ou qualquer outra coisa, de forma incessante. No trabalho ou tempo livre há uma impossibilidade, cada vez maior, de fazer uma pausa e, principalmente, de ficar “desconectado”.

O sociólogo alemão Hartmut Rosa (2013) nos auxilia na compreensão destas questões, nas quais, a velocidade dos acontecimentos, a busca por qualificação e a sensação constante de “falta de tempo” altera, abruptamente, a rotina e a vida das pessoas. Na visão do alemão, hoje, o cenário é marcado pelos embates entre as forças de aceleração (as revoluções técnicas, as mudanças sociais e o ritmo de vida) e as instituições (direito, mecanismos de governança, escola, família etc.). O grande conflito existente é a

¹Trabalho proposto ao GT6 - GP Comunicação e Educação, Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

²Pedagoga, jornalista, mestre e doutoranda em Ciências da Comunicação (ECA-USP), sócia-fundadora da Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação (ABPEducom). Atualmente é jornalista responsável pelo Departamento de Comunicação da Secretaria Municipal de Educação de Barueri (SP). Contato: e-mail: lisacosta@usp.br

impossibilidade de submeter todas as esferas da vida social ao mesmo ritmo de aceleração, eclodindo no que chama de dessincronizações.

Com muitas atribuições e responsabilidades, carga horária de trabalho de 8 horas por dia, para gerir uma escola, cinco diretores se submetem a um processo seletivo e acrescentam à agenda de vida um curso de especialização em gestão escolar (400 horas), na modalidade semipresencial, parceria da Universidade Aberta do Brasil (UAB) com a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), por meio da Secretaria de Educação Básica (MEC), no pólo do município de Guarulhos (São Paulo), através do Programa Nacional “Escola de Gestores da Educação Básica Pública”.

Esses acontecimentos nos permitem admitir que existe uma nova realidade, um novo contexto social, ancorado na interface Comunicação, Educação e Tecnologias. A partir desta constatação, por mais que o sujeito constituído destas relações alcance certa autonomia na administração de suas atividades, tarefas, práticas e espaço de estudo, ele não é totalmente livre, pois é dependente de inúmeros requisitos que não os liberta, como se propaganda no contexto social vigente.

O quadro se configura assim, de um lado, a necessidade de um tutor, no caso dos cursos de EaD, que exerce certo controle de todas as ações, práticas, linhas de estudo e orientações ideológicas, incluindo o discurso sócio-econômico-histórico “da eficácia”, reforçado também pelo sistema educacional, exigindo aprimoramento constante. E, de outro lado, o “grande nó” do século XXI, a falta de tempo para cumprir todas as exigências sociais, profissionais, pessoais.

É válido acrescentar a frustração destes gestores ao verem-se obrigados, pela questão temporal, a dirigirem atenção à uma determinada área de sua vida, em detrimento de outra, por uma questão de sobrevivência. Fato que provoca, em muitos destes profissionais da Educação o abandono dos estudos, sobretudo por meio da EaD, sem a conclusão do curso, rompendo com sonhos pessoais e de progressão funcional. A hipótese segundo a qual foram embalados pelo discurso do “homem eficaz” é forte, entretanto, novamente pela ausência de tempo, para o desenvolvimento de todas as obrigações cotidianas da função gestora, encontram-se indisponíveis para a realização das formações continuadas fora ou em horário de trabalho.

Sendo assim, a questão de fundo deste artigo é: Quais pontos atribuídos ao “discurso da eficácia” são apropriados por um gestor de escola pública ao optar por uma especialização de ensino a distância? Começamos a busca por possíveis respostas, a partir

do entendimento do fenômeno da aceleração e das questões contextuais do momento atual, bem como o perfil dos sujeitos desta pesquisa.

1. Aceleração social: ser senhor e escravo ao mesmo tempo

Vivemos na sociedade do desempenho. Mas, acreditamos que desfrutamos de uma liberdade nunca antes vista. Prova deste pensamento, está em mãos, os diversos dispositivos eletrônicos, com internet, capazes de nos levar a todos os lugares e a nos incluir em qualquer movimento em prol das mais diversas causas, da possibilidade de expressão e debates nas redes sociais, sobre qualquer assunto, em qualquer local, provando que, de fato, acreditamos que somos livres. Contudo, o que alcançamos foi a façanha de “ser senhor e escravo ao mesmo tempo” como destaca a jornalista Eliane Brum, no recente artigo “Exaustos-e-correndo-e-dopados”, de 04/07, no “El País”.

Brum remete à cultura do “24/7”, descrita por Jonathan Crary (2014), ao afirmar que, hoje, na corrida contra o tempo, o grande esforço, “é para atingir a meta de trabalhar 24x7. Vinte quatro horas por sete dias da semana”. A jornalista lembra que “nenhum capitalista havia sonhado tanto. O chefe nos alcança em qualquer lugar, a qualquer hora. O expediente nunca mais acaba”.

Recorre ao filósofo Byung-Chul Han, apontado como o sucessor do filósofo alemão Peter Sloterdijk, coreano radicado na Alemanha, estudioso da obra de Martin Heidegger e professor de Filosofia na Universidade de Artes de Berlim. Han tem atualizado os temas da filosofia alemã analisando o homem contemporâneo, a subjetividade, as novas formas de dominação, a depressão e as esperanças.

Na obra “Sociedade do Cansaço” (2015), citado por Brum, o filósofo faz um diálogo crítico com pensadores como: Giorgio Agamben, Michel Foucault, Hanna Arendt, Walter Benjamin e Friedrich Nietzsche, deste último, retorna a importância da pedagogia, para Han é preciso novamente aprender a ler, pensar, falar e escrever na era pós-moderna.

Han (2015) acredita que a sociedade do trabalho e desempenho não são livres e a dialética do senhor e do escravo só existe em um outro modelo social, onde cada um é livre e é capaz de dedicar tempo ao lazer. Em sua visão, isto significa que, hoje, vivemos num momento no qual o próprio senhor se tornou escravo, do trabalho e da tecnologia, “no empuxo daquela positividade geral do mundo, tanto o homem quanto a sociedade se transformam numa máquina de desempenho autista” (HAN, 2015, p.56).

O alemão Hartmut Rosa (2013) também reforça que a aceleração social, institucional e individual está muito defasada em relação à velocidade tecnológica e econômica. O sociólogo enfatiza que a rapidez das transformações sociais e do sistema capitalista significou grande ganho de tempo, em virtude do aprimoramento dos processos tecnológicos, e, concomitantemente, escassez de tempo para o humano, o paradoxo vivido é que, se de um lado, o indivíduo não consegue aproveitar as oportunidades, de outro, não consegue ter um verdadeiro descanso.

Esta nova fase do capitalismo parece ser inerente à ideia de bem-estar; retomamos Crary (2014) que, metaforicamente, refere-se à sede de produção, uma das marcas da chamada “Era Digital”, enfim, tudo parece não corroborar com a invasão da comunicação e das informações. Nos dizeres do autor:

Esse fenômeno contemporâneo da aceleração não é simplesmente uma sucessão linear de inovações, na qual cada item obsoleto é substituído por um novo. Cada substituição é sempre acompanhada por um aumento exponencial do número de escolhas e opções disponíveis. É um processo contínuo de distensão e expansão, que ocorre simultaneamente em diferentes níveis e em diferentes lugares, um processo no qual há uma multiplicação das áreas de tempo e experiência que são anexadas a novas tarefas e demandas envolvendo máquinas. A lógica do deslocamento (ou obsolescência) é conjugada a uma ampliação e diversificação dos processos e fluxos aos quais o indivíduo se vincula efetivamente (CRARY, 2014, p. 52).

Na interface Comunicação e Educação, a temática é discutida por Adilson Citelli (Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – ECA/USP) em “Comunicação e Educação: o problema da aceleração temporal”³, artigo no qual apresenta dados de pesquisa junto a docentes e discentes num conjunto de escolas localizadas na cidade de São Paulo e seu entorno envolvendo 197 professores e 699 alunos.

A relação com o tempo, analisando os contextos e sujeitos desta pesquisa, parece confrontar a celeridade pós-moderna e o tradicional modelo escolar. E neste desconforto, à luz da evolução das tecnologias de informação e comunicação, a EaD parece uma alternativa possível e viável pela própria história de origem. Afinal, conseguiu alterar seu *status* marginalizado para constituir-se em uma modalidade de ensino a distância, principalmente, para atender às demandas de formação inicial e continuada de diferentes

³ O professor Adilson Citelli (ECA/USP) apresentou o trabalho no GP Comunicação e Educação do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Rio de Janeiro, 2015, na coordenação de mesa.

profissionais, sobretudo os da Educação, subsidiando a criação de políticas públicas e programas de capacitação governamentais.

2.EaD breve histórico: da marginalidade à política pública

Conforme descrito na introdução desta publicação, o objetivo principal deste texto não é a discussão acerca do ensino a distância em si, conquanto, é necessário mencionar o papel importante que possui para o entendimento da pesquisa propriamente dita, tanto em relação aos sujeitos envolvidos, ou seja, diretores de escola pública, quanto à problemática proposta que versa sobre os pontos atribuídos ao “discurso da eficácia” apropriados por este gestor ao optar por uma especialização nesta modalidade.

A evolução histórica da EaD aponta diversas fases (SAPUCAIA e CHIUMMO, 2014, p.97) inicialmente foi criada para atender as pessoas que não possuíam condições de frequentar os programas formais de ensino. Nunes (2009, p.2) destaca como primeira notícia de sua introdução o anúncio das aulas por correspondência ministradas por Caleb Phillips em 20 de março de 1728, na Gazette de Boston, EUA, que enviava lições aos alunos.

A primeira geração da EaD ocorre por meio de materiais impressos e correspondência, no Brasil, o exemplo clássico foi o Instituto Monitor e o Instituto Universal Brasileiro (IUB). Nas décadas de 1920 e 1930, com o surgimento do rádio e futuramente da televisão inicia-se a chamada segunda geração. A partir de 1923, um grupo liderado por Henrique Norize e Edgar Roquete-Pinto fundou a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, oferecendo cursos de educação popular dando origem à EaD via rádio no país. A partir do final da década de 1960, profissionais ligados à Educação e Comunicação iniciam experiências educacionais com o uso da televisão, sobretudo após a implantação das TV's públicas como a educativa TVE no Rio de Janeiro e a TV Cultura em São Paulo.

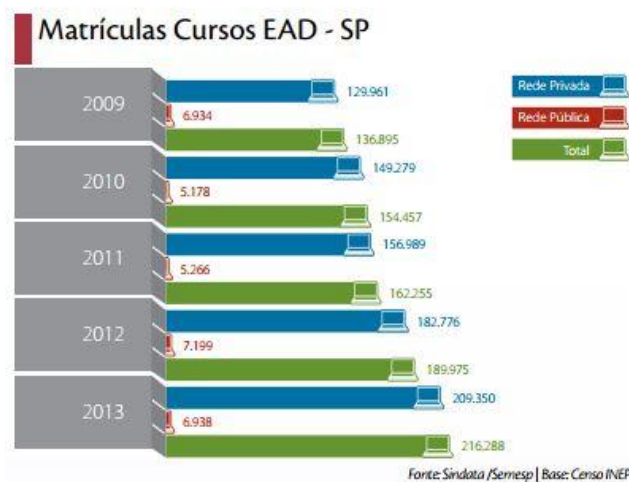
No final da década de 1970 as Fundações Roberto Marinho e Padre Anchieta desenvolveram o Telecurso, que ofertava cursos supletivo equivalente aos Ensino Fundamental e Médio da atualidade. Por fim, a terceira geração de EaD inicia-se na década de 1990 e é caracterizada pela utilização dos computadores pessoais, *notebooks*, fazendo uso da tecnologia multimídia, do hipertexto e das redes, sobretudo da internet, que teve grande crescimento a partir de 1995.

Para Sapucaia e Chiummo (2014, p.102) em consonância com a revolução tecnológica “a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) - a

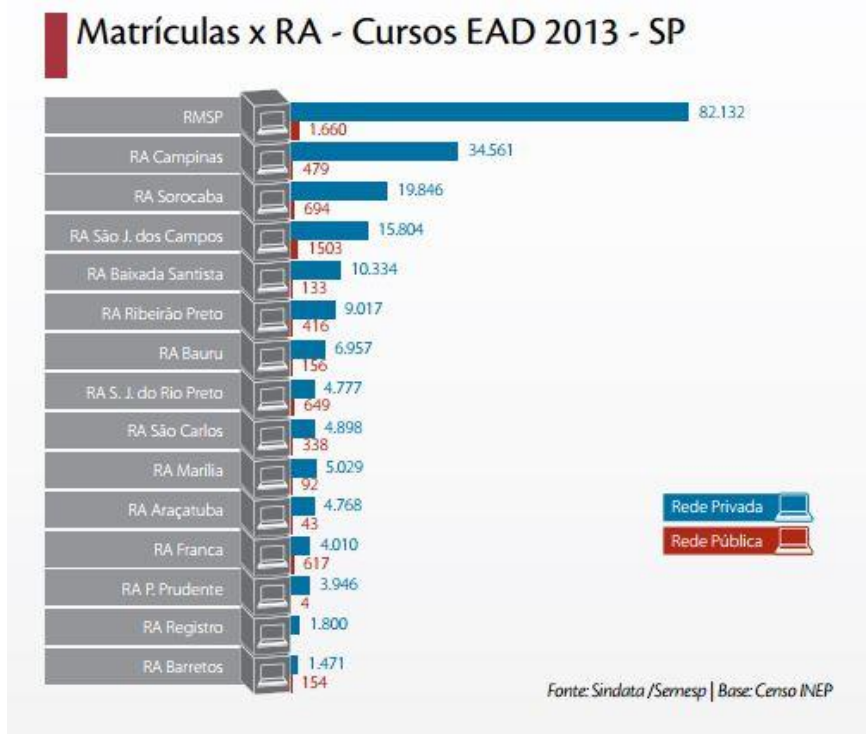
Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996 –, que trata em seus artigos sobre a EaD, em todos os níveis e modalidades de ensino, concede um novo *status* para a EaD no Brasil”. Para os autores, não apenas por autorizar sua utilização, mas por, em seu artigo 80, incentivar, por parte do Poder Público, ao desenvolvimento e à veiculação de programas de ensino a distância e todos os níveis e também em educação continuada.

Dados da quinta edição (2015, p.5) do mapa do Ensino Superior elaborado pelo Sindicato das Mantenedoras de Ensino Superior (Semesp), com base no Censo da Educação Superior (BRASIL, 2015), apontam que, no ensino a distância, de 2009 a 2013, o crescimento ficou em 37, 5%. O estado de São Paulo, região Sudeste, é formado por 15 regiões administrativas (RA) totalizando 645 municípios.

Na **tabela (1)** é possível mensurar a evolução da procura aos cursos de EaD, de 2009 à 2013, nas redes privada, cujo crescimento foi gigantesco e na rede pública com números bem mais modestos.



A **tabela (2)** demonstra que a RA da região metropolitana de São Paulo é a maior e ofertar estes cursos, seguida da RA Campinas. Entretanto, a rede privada é disparadamente a que mais oferece esta modalidade de ensino.



Em seu artigo 63, inciso III, a LDB afirma que: “Os institutos superiores de educação manterão programas de educação continuada para os profissionais de educação dos diversos níveis” (BRASIL, 1996).

Na esfera federal, a principal medida do governo para atender às demandas tanto pela procura do Ensino Superior como de formação docente foi a criação, em 2006, do Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB) cuja prioridade de formação é para os educadores em exercício na educação básica.

Fredric Litto (2009), presidente da Associação Brasileira de Educação a Distância, criada em 1995, destaca que:

[] O Brasil foi o último país com população acima de 100 milhões de habitantes a estabelecer uma universidade aberta, às vezes, concebida como uma instituição de “segunda chance” – destinada a adultos que não cursaram o ensino superior durante a idade mais comum (p.15) .

2.1 O exemplo da “Escola de Gestores” via EaD

Com o objetivo de “melhorar a qualidade social da educação em sintonia com os princípios da moderna administração pública e os modelos de gerenciamento para a qualificação da gestão democrática”, conforme relato no site oficial, o Ministério da

Educação (MEC) criou, em 2006, do Programa Nacional “Escola de Gestores da Educação Básica Pública”, parte das ações do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE).

Este programa é operado numa estrutura descentralizada, sob responsabilidade de instituições públicas de ensino superior (Ipes) que integram os estados federados do país, sob a coordenação da SEB/MEC, e em colaboração, com a Secretaria de Educação a Distância (Seed) e o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE).

Lembramos que analisaremos cinco gestores participantes da 3ª edição do Curso de Especialização em Gestão Escolar pela “Escola de Gestores” ofertado pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), no pólo da Secretaria Municipal de Educação de Guarulhos.

Este curso de especialização em gestão escolar, conforme já anunciado, é voltado para a formação continuada de dirigentes da educação básica, em nível de pós-graduação lato sensu, na modalidade de educação a distância, com carga horária de 400 horas. A formação tem três eixos vinculados entre si: o direito à educação e a função social da escola básica; políticas de educação e gestão democrática da escola; projeto político-pedagógico e práticas democráticas da gestão escolar.

É interessante pontuar que após o processo seletivo estes gestores possuem várias responsabilidades: compartilhar a experiência do curso, ao longo dos quase dois anos de estudo, com os docentes nas escolas que dirigem, implantar um projeto de intervenção que virá a tornar-se o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), sem contar na possibilidade de publicação de um artigo científico, em coletânea, vinculado à universidade ofertante.

Dardot e Laval (2016, p.326) remetem à ideia da modelagem da sociedade o atual discurso neoliberal que caracteriza-se justamente por uma homogeneização do discurso do homem em torno da figura da empresa:

Desse modo, injunge-se o sujeito a conformar-se intimamente por um trabalho interior constante – à seguinte imagem: ele deve cuidar constantemente para ser o mais eficaz possível, mostrar-se inteiramente envolvido no trabalho, aperfeiçoar-se por uma aprendizagem contínua.

No que se refere à Educação, o professor Luiz Carlos de Freitas (2015) Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), pesquisador de avaliações e políticas públicas, critica a visão de empresa no setor educativo afirma que: “a lógica empresarial no ensino desmoraliza o professor” referindo-se ao documento “Pátria Educadora: A qualificação do Ensino Básico como obra de construção nacional” da Secretaria de

Assuntos Estratégicos da Presidência da República (SAE), em entrevista à Revista Nova Escola.

Para Freitas (2015), isto significa, por exemplo, que “se inserirmos as escolas públicas no mercado a concorrência se instala e o “produto” melhora. Ou propor que o pagamento dos envolvidos passe a ser feito com base na produção. Isso não funcionou em nenhum lugar do mundo”, destaca o professor.

2.2 Um parêntese: EaD e os processos comunicacionais

Em “Ensino a distância na perspectiva dos diálogos com a comunicação”, Adilson Citelli (2011) pensa a temática da EaD a partir dos referenciais da teoria da comunicação e lembra-nos que “é preciso reconhecer a presença de um dinamizador básico para todo o processo comunicacional e educativo: a linguagem” (p.196).

Considerando o papel da linguagem na viabilização de todo o processo de comunicação, da educação, do ensino-aprendizagem, concordamos com Citelli (2011) ao considerá-la como elemento fundamental na composição dos processos comunicativos. Dos discursos verbais aos não verbais, perpassando a interconectividade e a hipertextualidade, existe, sim, a possibilidade da construção de valores, e este caráter, é chamado pelo autor de multidimensional.

Evidencia-se um óbvio nível de recorrência entre os dois componentes [comunicação e educação] motivo pelo qual a expressão educomunicação vem sendo invocada como reveladora de um fenômeno de inter-relações interfaces e cruzamentos que envolvem os presentes mecanismos de produção, circulação e recepção de conhecimento (CITELLI, 2011, p.196-197).

Em relação ao espaço dos aparatos tecnológicos afirma:

O lugar das tecnologias na escola – e mesmo para o chamado ensino a distância - deve ser aquele voltado para o interesse de uma educação anteriormente definida como emancipadora, capaz de facultar autonomia de pesquisa, e, sobretudo, reconhecimento do sujeito no mundo (CITELLI, 2011, p.80).

Guillermo Orozco Gómez (2006) traz outro fator a se considerar a “mediação tecnológica” que impacta tudo aquilo que toca: “não se trata de negar nem de diminuir ou simplesmente relativizar esse impacto. Trata-se de vê-lo como um impacto importante, mas que necessariamente compete com outros” (p.86). Neste sentido, Orozco ressalta o

abandono da noção de que as mediações vêm só dos meios ou são de certa maneira sua extensão. O autor as compreende como processos estruturantes advindos de inúmeras fontes e incidindo nos processos de comunicação.

As novas telas (termo usado pelo autor para designar novos aparatos tecnológicos, como o computador e celular) permite que o receptor se torne também produtor, ou melhor, usuário. O transitar do receptor ao receptor-emissor, fruto da convergência, multiplica formatos, linguagens e estética nestes meios comunicacionais. A partir de agora o enfoque será o sujeito deste estudo e sua relação com a celeridade.

3. Os sujeitos gestores: da lógica neoliberal ao ethos da autovalorização

Sendo a problemática deste estudo a identificação de quais pontos atribuídos ao “discurso da eficácia” são apropriados por um gestor de escola pública ao optar por uma especialização de ensino a distância, pretendemos buscar possíveis respostas. Ressaltamos que a pesquisa continua em andamento, junto aos participantes do município de Guarulhos, até a submissão deste artigo.

Para tanto, fizemos um recorte entre os sujeitos já entrevistados. Neste caso, cinco gestores que ocupam a função de diretor de unidade escolar, cumprem a jornada de trabalho de 40 horas semanais, 8 horas diárias, na rede municipal de Educação de Barueri. Este município está localizado cerca de 42 quilômetros do pólo de Guarulhos, região metropolitana de São Paulo, onde acontecia as reuniões mensais presenciais do curso de especialização.

Optamos pela técnica indireta de entrevistas semiestruturadas, mantendo o sigilo do nome das diretoras por conta de grande exposição. Neste artigo foram elencados cinco subitens, que ainda não estão fechados como categorias, afinal, dependemos de análise criteriosa de todas as entrevistas incluindo também todos os tutores. Assim, neste percurso, apresentaremos as primeiras observações, relacionando-as com o contexto deste estudo.

3.1 Impressões iniciais em relação aos sujeitos

3.1.1 Os discursos envolvidos

O artigo 206 da Constituição Federal diz que o ensino público será ministrado com base nos princípios da gestão democrática, inciso VI, ênfase do referido curso de especialização, entre estes destacam-se: participação, trabalho coletivo, diálogos,

transparência, autonomia, responsabilidade com a coisa pública, escola como espaço democrático, comunidade na escola.

Para refletir sobre este processo, recorreremos à ordem discursiva de Michel Foucault (2008), autor que apresenta a hipótese, segundo a qual o discurso utiliza determinados mecanismos de controle, legitimando a noção de que “a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar poderes e perigos, dominar seus acontecimentos aleatórios” (FOUCAULT, 2008, p.8-9).

Quanto ao ideia da eficácia Pierre Dardot e Christian Laval (2016, p.331) afirmam que: “a racionalidade empresarial apresenta a vantagem incomparável de unir todas as relações de poder na trama de um mesmo discurso”.

Os diretores pesquisados estão em média com 45 anos de idade, 15 anos de magistério, quatro anos na função. É interessante pontuar que durante as entrevistas, observamos que esse discurso da eficiência tem força perante estes gestores, contudo, não o é determinante para que um diretor de escola opte em disputar uma vaga na seletiva desta especialização pela UAB-UFSCar. Vejamos os fragmentos abaixo:

Eu fui motivada devido a necessidade de trazer novas práticas pedagógicas e gerir minha equipe, a partir de uma concepção democrática, das dificuldades encontradas no tratamento do coletivo.

Eu estava sem um coordenador pedagógico na UE no momento em que iniciei o curso e tinha que realizar as HAC's Hora de Atividade Coletiva quando a especialização veio ao encontro de minha necessidade.

Tanto se fala em gestão democrática e trabalho coletivo e como estava com problemas de relacionamento, entre os profissionais da escola, encontrei na possibilidade de fazer a especialização orientações para a melhoria desta situação.

3.1.1.2 O reconhecimento pela universidade pública e a valorização sonhada

Outro ponto importante é que todas as cinco gestoras possuíam outras pós-graduação, ou em Psicopedagogia ou Educação Infantil. Entretanto, a possibilidade de ter um certificado de especialização, sob a chancela de uma Universidade renomada, na visão destas gestoras, como a Universidade Federal de São Carlos, com apoio do Ministério da Educação, MEC, traz um reconhecimento por parte da rede educacional a que pertencem,

das chefias diretas, além dos profissionais da própria escola, que foram estímulos na aceitação do desafio de ser cursista. Observar os depoimentos:

Fiquei pensando, poxa vida, um certificado da UFSCar em meu currículo seria ótimo! Afinal, não sei o dia de amanhã. Se eu voltar para sala de aula terei pontos com este certificado.

Sinceramente, quando eu vi que era uma universidade federal, eu nunca estudei em universidade pública, então, pensei, que orgulho, eu ter um diploma de especialização, ainda mais pela Federal de São Carlos.

3.1.1.3 A reserva de tempo para a EaD versus a celeridade da rotina de gestor

Outra questão muito enfatizada pelos entrevistados foi o tempo, ou melhor, a sua falta. Ainda neste raciocínio, o consultor americano Bob Aundrey (2000) define a noção de “empresa de si mesmo”, ou seja, “a ideia de que cada indivíduo pode ter domínio sobre sua vida: conduzi-la, geri-la e controlá-la em função de desejos e necessidades, elaborando estratégias adequadas” (p.11).

No decorrer do curso, com os inúmeros trabalhos, debates, seminários, fóruns, por meio da plataforma virtual, encontro presencial, as gestoras, por razões diversas, atribuíram às suas dinâmicas profissionais as maiores dificuldades de reservar tempo para os estudos. Tanto é que três diretoras da rede de Barueri acabaram abandonando o curso. Ambas justificaram que o peso de não ter condições de cumprir todas as tarefas exigidas foi fator decisivo ao abandono. O medo era não ter condições do desenvolvimento de um trabalho coerente. Entre as desistentes de Barueri: uma resolveu, já estando na metade do Trabalho de Conclusão de Curso, TCC, e duas em módulos anteriores, duas diretoras concluíram e deram sequência. Segue trechos de uma que concluiu e outra que abandonou:

A grande angústia é ter que dar conta das mais de oito horas de trabalho para fazer as tarefas solicitadas na plataforma. Eu resolvi ficar após as oito horas de trabalho na escola. Ficava, geralmente, até as 22h estudando os autores e elaborando os trabalhos, porque se deixasse para fazer em casa não o faria. Isto sem contar, nos muitos finais de semana tive que abrir mão de estar com minha família para cumprir as exigências.

Eu conversei com meu marido e filhos, antes de entrar neste desafio. Porque acaba sendo uma superação, mas, foi como um socorro para algumas dificuldades que encontrava na gestão, como a prática desta gestão democrática que tanto se fala. Tive problemas na equipe de trabalho. E comecei a ficar muito cansada, quando eu percebi que não seria fácil para elaborar um

*TCC acabei saindo, me arrependi porque era um curso excelente.
Fica uma frustração gigante.*

3.1.1.4 Os projetos de intervenção e a publicação da coletânea

A proposta da especialização inclui práticas de intervenção, ou seja, o diretor de escola terá que aplicar durante seis meses ações, com vistas a um determinado assunto, cujos resultados possibilitem a elaboração de TCC e ainda a publicação de artigo em coletânea. Dois gestores, entre os entrevistados de Barueri, conseguiram atingir estes objetivos concluíram o curso e publicaram.

A primeira com a publicação “A contribuição do gestor escolar com a formação continuada dos professores dentro da escola”, ação ocorrida num colégio de periferia, daquele município, o resultado deste projeto de intervenção foi que a diretora passou a propor pautas, atividades diferenciadas e participar de todas as HACs - Hora de Atividade Coletivas, responsabilidade direta do coordenador pedagógico, este contato, segundo ela, com todos os docentes da escola não acontecia com a mesma frequência, por outro lado, em nome da gestão democrática a gestora assumiu mais responsabilidades e passa mais tempo na escola.

A segunda diretora procurou trazer mais a família para a unidade escolar, descrito no artigo “Gestão Democrática da escola e participação da família: Reflexões sobre uma experiência educativa”. Segundo ela, adotou atitudes mais receptivas, tais como frequentar diariamente o portão da escola, participar das HACs e propor encontros e reuniões de pais, com maiores frequências, exigindo também de sua rotina mais de oito horas de dedicação na escola.

Nestas primeiras observações percebemos que a conclusão da especialização trouxe alterações de comportamento perante a prática pedagógica, contudo resultou em mais horas de trabalho para o alcance de tais objetivos, entrando na lógica do “24/7” e porque não dizer do “cuidado de si”.

3.1.1.5 O ethos da autovalorização

Pierre Dardot e Christian Laval (2016, p.333) afirmam que essa necessidade de abarcar novos paradigmas englobando tanto o mercado de trabalho como o da educação e formação são frutos da “fábrica do sujeito neoliberal”, metáfora sobre a atual sociedade

capitalista, em suas visões, cuja grande inovação é “vincular diretamente a maneira como um homem é ‘governado’ à maneira como ele próprio ‘se governa’”.

Os autores buscaram explicações à este fenômeno contemporâneo em Michel Foucault, afinal, o filósofo, com o conceito do “cuidado de si”, o traduz como um conjunto de regras que o sujeito dá a si mesmo, de acordo com suas vontades, formas ou estilos de vida, resultando numa espécie de *ethos* da autovalorização. Dito de outra maneira, Dardot e Larval creditam ao discurso neoliberal a representação de um indivíduo competitivo que procura trabalhar-se a si mesmo, com o intuito de aprimorar-se, ou seja, tornar-se cada vez mais eficaz.

Observamos que todos estes subintens compõem o que podemos chamar de *ethos* da autovalorização e que o profissional, o gestor de uma escola pública, busca apoio para sanar dificuldades e necessidades, o que não o faz esquecer da questão do mérito ao optar por um curso deste nível para o seu currículo, e por ter sua publicação destacada em jornais e blogs da Secretaria de Educação, como foi o que ocorreu com os gestores de Barueri.

Considerações Finais

Ainda não é uma conclusão, pois estamos em vias de novas entrevistas e posterior análise do todo, com a inclusão também dos depoimentos dos quatro tutores. O que este artigo procurou apresentar é que, sem dúvidas, o gestor procura o aperfeiçoamento em EaD por conta da suposta facilidade e falta de tempo para cursos presenciais.

Entretanto, as primeiras entrevistas revelaram que nem sempre ele o faz por uma questão apenas de autovalorização, ou por conta da exigência do sistema de ensino, mas, por uma necessidade, como gestor, de apoio e auxílio e até de conhecimento e aprendizagem, de novas práticas e dinâmicas gestoras, que por conta da correria da função não consegue parar e observar.

Como consequência direta, a cultura do “24/7” realmente atingiu o dia a dia do gestor público, em uma escola, afinal, ele necessita de atualizações diante dos desafios da prática educativa e do aparato comunicativo, pois a EaD obrigou até a aprender a operar uma câmera, gravar vídeos, inserir material na plataforma virtual, ler e debater autores desconhecidos, desafios a serem vencidos. Sem contar nas linguagens da comunicação, cada vez mais presentes nestes processos. Contudo, quanto mais ele consegue trazer família e comunidade para dentro do ambiente escolar e se aproximar do corpo docente, tanto mais

ele parece se afastar da vida pessoal, ou diminuir os momentos nesta e em outras áreas, alimentando as dessincronizações conforme nos diz o sociólogo alemão Harmut Rosa.

Referências Bibliográficas

BRUM, E. Exaustos e correndo e dopados. Coluna. **Jornal El Pais**, 04 07 2016.

CAPELATO, R. **Mapa do Ensino Superior no Brasil**. São Paulo: Convergência Comunicação Estratégica, 2015.

CITELLI, A. O. Ensino a distância na perspectiva dos diálogos com a comunicação. **Revista Comunicação, Mídia e Consumo**. São Paulo, ano 8, vol.8, n. 22, p.187 209. Jul.2011.

_____. Comunicação e Educação: o problema da aceleração temporal. In Anais do XXXVIII Congresso Brasileiro de Comunicação – Intercom 2015- Rio de Janeiro - RJ.

CRARY, J. **24/7 – Capitalismo Tardio e os Fins do Sono**. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2014.

DARDOT, P; LAVAL, C. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. Coleção Estado de Sítio. São Paulo, Boitempo Editorial, 2016.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

FREITAS, L.C. A lógica empresarial no ensino desmoraliza o professor. **Revista Nova Escola**, edição 283. Jun Jul 2015.

GUARULHOS, P.M. **Gestão democrática na escola pública**: Reflexões e Práticas. V.1, n.1. Guarulhos: SME, 2016.

HAN, B.C. **Sociedade do Cansaço**. São Paulo: Editora Vozes, 2015.

LITTO, F. O atual cenário internacional da EaD. In: LITTO, F, FORMIGA, M. (Org. **Educação a distância**: o estado da arte. São Paulo: Person Education Brasil, 2009.p.14 20.

NUNES, I.B. A história da EaD no mundo. In: LITTO, F, FORMIGA, M. (Org. **Educação a distância**: o estado da arte. São Paulo: Person Education Brasil, 2009.p.2 8.

OROZCO GÓMEZ, G. Comunicação social e mudança tecnológica: um cenário de múltiplos desordenamentos. In: MORAES, Denis de (Org.). **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p.81-98.

ROSA, H. **Social Acceleration**. A new theory of modernity. New York: Columbia University Press, 2013.

SAPUCAIA, F.S. CHIUMMO, A. Educação a distância: da marginalidade ao Ensino Superior. **Revista Scitis**, vol.1, set.2014.